

# Europa e Comunidade dos Estados Independentes

Perspectivas para 2013

*Análise Apex-Brasil*  
**CONJUNTURA & ESTRATÉGIA**

Janeiro - 2013

**ApexBrasil**

AGÊNCIA BRASILEIRA DE PROMOÇÃO  
DE EXPORTAÇÕES E INVESTIMENTOS



## Europa e Comunidade dos Estados Independentes: perspectivas para 2013

### Resumo Executivo

- ➔ No ano de 2009, o impacto recessivo da crise foi profundo nas economias europeias, pertencentes ou não à Zona do Euro, das regiões maduras do ocidente, ao centro e leste emergentes. Por outro lado, as economias emergentes da região têm crescido a taxas mais robustas a partir de 2010. A situação fiscal corrente e os níveis de endividamento são mais confortáveis entre as economias do Centro e Leste da Europa, assim como nos países pertencentes à Comunidade de Estados Independentes (CEI).
- ➔ Desde o final de 2011, o desempenho das economias europeias tem sido marcado pelo agravamento do quadro de instabilidade financeira e de baixo dinamismo em termos de crescimento da renda e emprego.
- ➔ Na Zona do Euro, o desemprego subiu quase quatro pontos percentuais entre 2007 e 2012, mantendo-se, neste último ano e nas projeções para os próximos cinco anos, em níveis superiores aos observados antes da crise. Ademais, as taxas médias de desemprego europeias estão acima, quatro pontos percentuais, daquelas experimentadas na CEI.
- ➔ As economias da CEI experimentaram uma contração de 6,4% do PIB em 2009. Desde então, as taxas de crescimento se recuperaram em patamares entre 4% e 5% ao ano.

## **Introdução**

Este Boletim aborda o desempenho recente e as perspectivas das economias da Europa e da Comunidade dos Estados Independentes. Sempre que possível e com base nas projeções correntes, busca-se, também, sinalizar para o comportamento esperado de médio prazo das principais economias daquelas regiões.

A análise da Unidade de Inteligência Comercial e Competitiva da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) baseia-se nos estudos das principais instituições de pesquisa econômica, especialistas no acompanhamento da economia internacional, especialmente o Fundo Monetário Internacional (IMF, 2012a, 2012b), a Economist Intelligence Unit (EIU, 2012a, 2012b, 2012c, 2012d e 2012e), o Banco de Compensações Internacionais (BIS, 2012), o Banco Mundial (World Bank, 2012) e a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad, 2011 e 2012).

Foram utilizadas as informações estatísticas disponíveis até 26 de novembro de 2012. Salvo indicações em contrário, os agregados regionais aqui utilizados seguem a sugestão do FMI (IMF, 2012a), especialmente da respectiva base de dados disponibilizada em seu sítio na *internet*. Como em todos os exercícios de elaboração de cenários, o presente estudo assume a manutenção de certas condições das economias em análise, cujas alterações, marginais ou substantivas, impõem a necessidade de ajustes das perspectivas aqui sugeridas.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: parte-se de uma visão geral sobre os desdobramentos na região do ambiente de crescente instabilidade provocado pela crise financeira global. Verifica-se o desempenho no imediato pós-crise e nos anos subsequentes. Na sequência, é abordado o comportamento recente das economias e as perspectivas para 2013, tanto em um plano geral (Seção 3) quanto no destaque de suas principais economias (Seção 4).

## **2. O agravamento da crise a partir da Zona do Euro**

A crise financeira global, iniciada no mercado estadunidense de títulos hipotecários, particularmente no segmento *subprime*, assumiu contornos cada vez mais graves e globais a partir do último trimestre de 2008. Sua intensidade produziu a primeira contração da renda mundial no período pós-segunda grande guerra, bem como gerou o mais profundo e disseminado quadro de recessão desde os anos 1930 (Unctad, 2011 e 2012; IMF, 2012; BIS, 2012; World Bank, 2012).

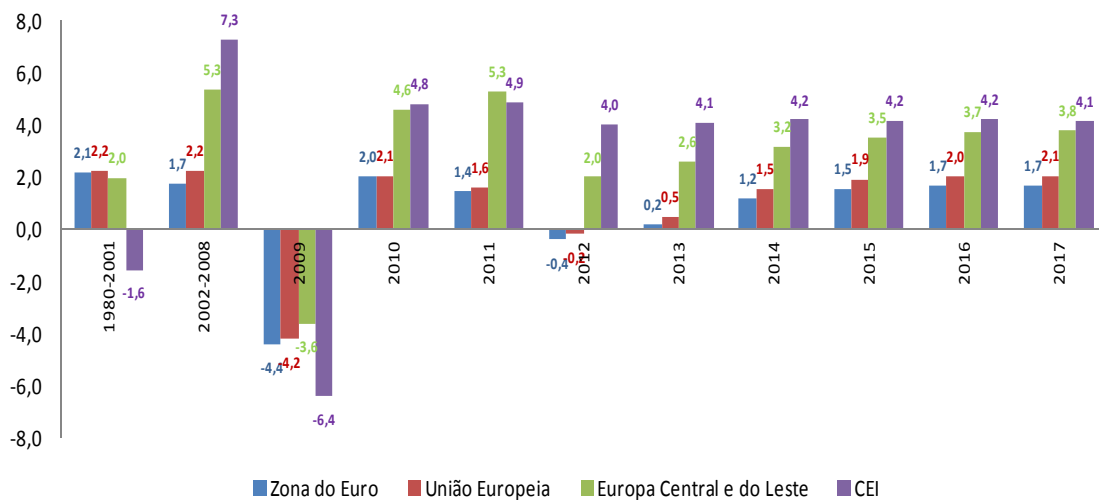
Seus impactos sobre as economias europeias e da Comunidade dos Estados Independentes (CEI) têm sido diversificados ao longo do tempo, dados, principalmente, os seguintes aspectos: (i) os níveis prévios de endividamento de famílias, empresas e governos; (ii) o perfil desses passivos (se constituídos nos mercados domésticos com instrumentos denominados em moedas nacionais, ou em mercados internacionais com instrumentos denominados em divisas externas de referência; prazos e tipos de instrumentos, se dívida ou capital; etc.); (iii) o impacto sobre as finanças públicas dos socorros aos respectivos setores financeiros; (iv) os efeitos, também sobre as finanças públicas, das medidas de estímulo fiscal no imediato pós-crise e a queda na arrecadação em função do quadro recessivo; e (v) as características da estrutura de produção e comércio internacional (Unctad, 2011 e 2012).

O Gráfico 1 mostra que as economias da CEI experimentaram forte aceleração nas suas taxas de crescimento entre 2002 e 2008, período de forte elevação nos preços internacionais das *commodities*. Exemplos, nesse sentido, são a Rússia e as demais economias exportadoras líquidas de energia da região, como Cazaquistão, Uzbequistão, Azerbaijão e Turcomenistão. Seus fortes vínculos de comércio internacional com esse perfil de especialização e a maior dependência relativa de financiamento externo, especialmente de prazos mais curtos de maturação, produziram quadros nacionais fortemente recessivos. Em conjunto, a região experimentou uma contração de 6,4% do PIB em 2009. Desde então, as taxas de crescimento se recuperaram em patamares entre 4% e 5% ao ano.

No ano de 2009, o impacto recessivo da crise foi profundo nas economias europeias, pertencentes ou não à Zona do Euro, das regiões maduras do ocidente, ao centro e leste emergentes (Gráfico 1; Tabela A1). Por outro lado, as economias emergentes da região têm

crescido a taxas mais robustas a partir de 2010. A situação fiscal corrente e os níveis de endividamento são mais confortáveis entre as economias do Centro e Leste da Europa, assim como na CEI. Os níveis de dívida bruta na média da União Europeia e na Zona do Euro estão, atualmente, em níveis significativamente mais elevados, da ordem de 90% do PIB (Gráfico 3).

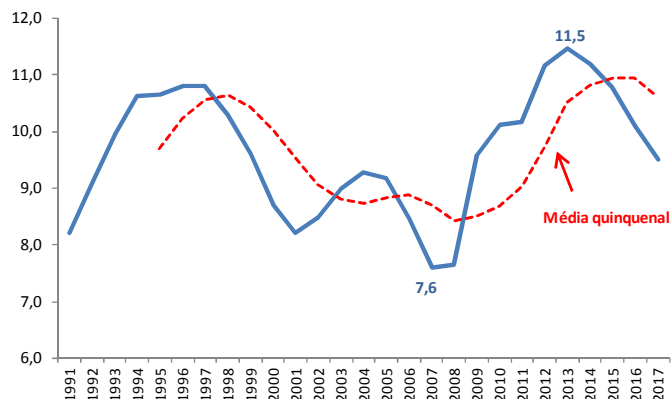
**Gráfico 1 – Crescimento do Produto em Economias Seleccionadas, 1980-2017\* (%)**



Fonte: Elaboração própria com base em IMF (2012a). (\*) Projeções da fonte para o período 2012-2017.

Em comum, tanto nas economias que estão crescendo entre 3% e 4% ao ano quanto nas economias maduras, cuja expansão da renda tem se situado no máximo em 2% ao ano, está a deterioração das condições no mercado de trabalho (Tabela A1). Na Zona do Euro, o desemprego subiu quase quatro pontos percentuais entre 2007 e 2012, mantendo-se, neste último ano e nas projeções para os próximos cinco anos, em níveis superiores aos observados antes da crise (Gráfico 2). Ademais, as taxas médias de desemprego europeias estão acima, em quatro pontos percentuais, daquelas experimentadas na CEI (Tabela A2).

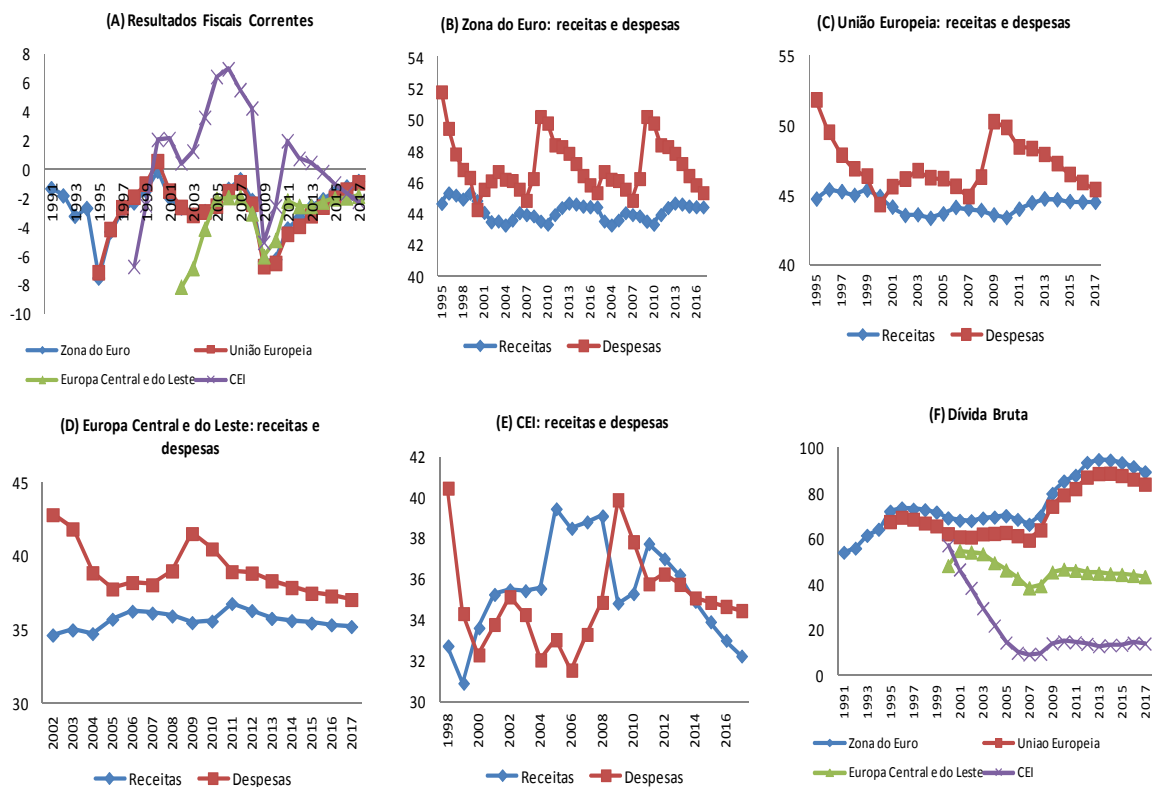
**Gráfico 2 – Taxa de Desemprego na Zona do Euro, 1980-2017\* (%)**



Fonte: Elaboração própria com base em IMF (2012a). (\*) Projeções da fonte para o período 2012-2017.

As políticas fiscais e monetárias, e as condições nos respectivos mercados de crédito também têm diferido. A contração nas despesas do setor público tem se dado de forma relativamente mais intensa nas economias maduras (Gráfico 3), o que implica dizer que há constrangimentos para a atuação contracíclica dos instrumentos de política macroeconômica.

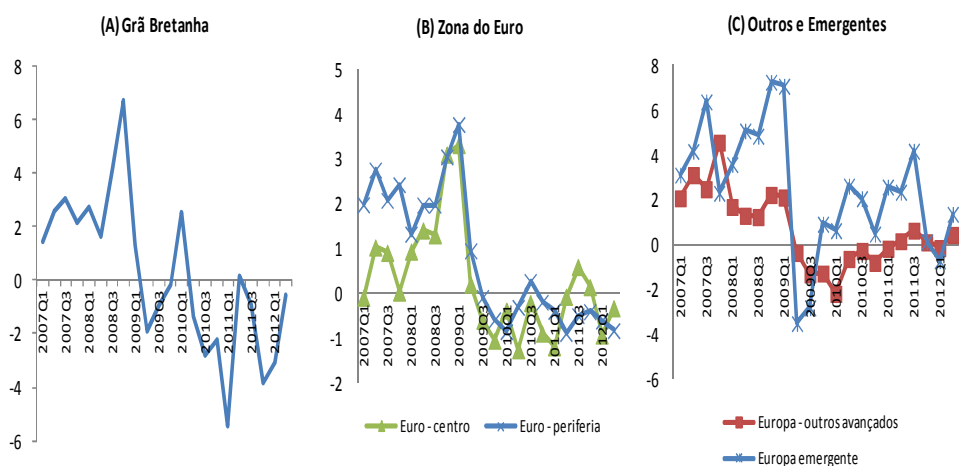
**Gráfico 3 – Situação Fiscal\* na Europa na Comunidade dos Estados Independentes (CEI), 1991-2017\*\* (% do PIB)**



Fonte: Elaboração própria com base em IMF (2012a). (\*) Resultados correntes de despesas, receitas e saldo (déficit ou superávit) do setor público nos painéis A até E; dívida bruta do setor público no painel F. (\*\*) Projeções da fonte para o período 2012-2017.

Na Grã-Bretanha e na Zona do Euro, especialmente em sua periferia, o crédito tem crescido menos do que o produto, invertendo a tendência pré-crise (Gráfico 4). Nas economias emergentes do Leste e Centro da Europa, a contração creditícia tem sido mais moderada. Por outro lado, a inflação mostra-se mais elevada nas regiões emergentes (Tabela A1 e Gráfico A2)

**Gráfico 4 – Evolução do Crédito em Economias Seleccionadas, 2007-2012**  
(diferencial entre o crescimento do crédito e do PIB, %)



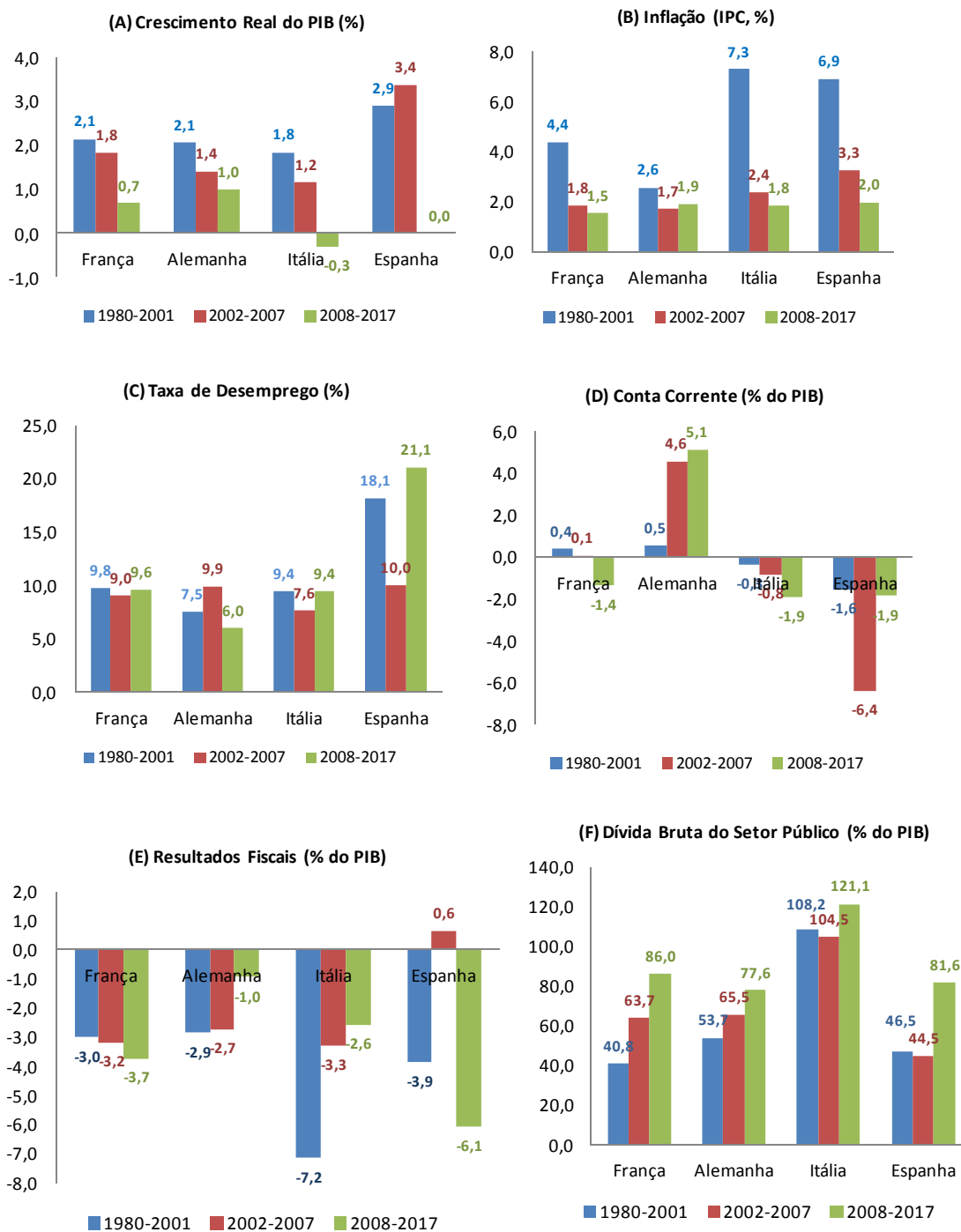
Fonte: Elaboração própria com base em IMF (2012a)

### 3. Europa: destaques e perspectivas

#### 3.1 As maiores economias da região do Euro: Alemanha, França, Itália e Espanha

As quatro maiores economias da Zona do Euro – a saber: Alemanha, França, Itália e Espanha – estão em trajetórias distintas, tanto do ponto de vista do desempenho que antecedeu à eclosão da crise financeira global quanto em termos de suas perspectivas de curto e médio prazos (Gráfico 5).

**Gráfico 5 – Indicadores Seleccionados de Alemanha, Espanha, França e Itália, 1980-2017\***



Fonte: Elaboração própria com base em IMF (2012a). (\*) Projeções da fonte para o período 2012-2017.



A Alemanha é a maior economia em termos de renda (Gráfico A4) e o principal credor da região (EIU, 2012b), possuindo uma dinâmica de crescimento fortemente assentada nas exportações de manufaturas. Portanto, o agravamento do quadro de instabilidade financeira na Zona do Euro produz um duplo impacto sobre sua estrutura econômica e ambiente político: (i) do ponto de vista dos canais de comércio, as demais economias europeias terão dificuldades em manter os níveis prévios de demanda pela produção alemã; e (ii) pelos canais financeiros, a crise afeta negativamente a capacidade de pagamento de famílias, empresas e governos que acessaram recursos originados em instituições financeiras alemãs. Em conjunto, o desempenho corrente e prospectivo tende a se deteriorar. É possível esperar um crescimento do PIB entre 0,8% e 0,9% em 2012 e 2013, e uma retomada no horizonte 2014-2017 de níveis de expansão da ordem de 1,4% ao ano. A inflação seguirá abaixo de 2%, e os saldos em conta corrente serão menores do que os verificados antes da crise. Os resultados fiscais estão em linha com o esforço de consolidação das contas públicas, o que tende a atenuar os efeitos negativos da crise sobre a dívida pública (Gráfico 5, Tabela A1; EIU, 2012b).

Nesse contexto, amplia-se a possibilidade de que, para minimizar os impactos negativos da crise no ambiente europeu, o governo central alemão tenha de tomar medidas potencialmente impopulares, que envolvem a transferência de recursos para seus vizinhos. O contribuinte alemão teria de arcar com parte dos custos de estabilização e preservação do Euro. Alternativamente, a situação de instabilidade poderá redundar em um quadro de ajustes nos marcos institucionais vigentes na Zona do Euro, por exemplo, com a eventual alteração do conjunto de seus membros, cujos impactos também serão negativos. Tal perspectiva assume que a estratégia dominante na Alemanha, de induzir seus vizinhos a adotar ajustes fortemente recessivos, baseados na disciplina fiscal, pode produzir resistência política local que, somada às fragilidades econômicas, tendem a projetar crescente instabilidade sobre toda a região.

A França é a terceira maior economia da Europa e a segunda maior da região do Euro (Gráfico A4). Seu desempenho econômico vem se deteriorando persistentemente desde 2008. Para 2012 e 2013, espera-se uma situação de estagnação, com o PIB crescendo abaixo de 0,5%, e de deterioração das condições do mercado de trabalho (Tabela A1; EIU, 2012c). Sua taxa de desemprego é duas vezes maior do que a observada na Alemanha. Sua dívida pública é mais

elevada e os resultados fiscais correntes piores (Gráfico 5). No *front* externo, dois dos principais destinos de suas exportações encontram-se em situação ainda pior – Itália e Espanha. No plano doméstico, o novo governo dos socialistas, sob a liderança do presidente François Hollande, encontra fortes entraves para consolidar a situação fiscal. Ademais, a renda disponível das famílias não recuperou os patamares pré-crise (Tabela A3), o que limita a capacidade do consumo privado em liderar, de forma robusta, a recuperação (EIU, 2012c).

Com a popularidade em forte queda, já no seu primeiro ano de governo, Hollande aposta na capacidade de seu país ser o fiel da balança na busca de uma estratégia regional de retomada do crescimento. Mesmo assumindo-se um cenário benigno, sem o agravamento da situação de instabilidade na própria Zona do Euro e com a retomada, ainda que lenta, da economia dos Estados Unidos, dificilmente a taxa média de expansão da renda francesa excederá 1% a 1,5% ao ano, em média, no período 2013-2017 (IMF, 2012; EIU, 2012c).

Itália e Espanha, respectivamente quarta e quinta maiores economias da Europa (Gráfico A3), estão em recessão (Tabela A1). Seus mercados de trabalho apresentam o pior desempenho desde a criação da moeda única europeia. Há forte deterioração da posição fiscal de seus governos, o que limita a adoção de medidas que confrontem os efeitos da crise. Ambas as economias dificilmente lograrão alcançar um quadro de recuperação sustentável fora de um esforço mais amplo, de reestruturação das dívidas públicas em toda a Zona do Euro e de aprofundamento do processo de integração, por meio de maior coordenação das políticas fiscais. Sem isso, os governos nacionais não terão como utilizar os instrumentos fiscais para estimular a produção e o emprego. Ao mesmo tempo, o consumo das famílias está limitado pelo endividamento passado, pelos níveis crescentes de desemprego e pela renda disponível em sensível contração (Tabela A3). Sem o anteparo das políticas monetária e cambial, e com níveis relativamente mais baixos de competitividade do que a Alemanha (Unctad, 2011 e 2012), Itália e Espanha tenderão a permanecer em um quadro de baixo dinamismo por um longo período de tempo (Gráfico 5).

### 3.2 Grã-Bretanha

Nos marcos da CFC, a Grã-Bretanha experimentou quedas consecutivas de seu produto: 1% em 2008 e 4% em 2009. Seguindo a tendência global de recuperação, dados os estímulos monetários e fiscais sincronizados entre as principais economias, verificou-se uma retomada suave em 2010 e 2011. Porém, 2012 encerrou-se com um quadro de contração na renda e manutenção de taxas de desemprego elevadas, da ordem de 8%. Os resultados em conta corrente se deterioraram, porém os preços ao consumidor se acomodaram frente ao repique inflacionário de 2011. As perspectivas de médio prazo, entre 2013 e 2015, sinalizam para um processo ainda moderado de recuperação (Tabela 1). Ainda assim, sua situação tende a ser melhor do que a observada nas maiores economias da Zona do Euro, com exceção da Alemanha (Tabela A1; IMF 2012).

**Tabela 1 – Indicadores Selecionados da Grã-Bretanha**

	2008	2009	2010	2011	2012		2013		2014		2015	
					FMI	EIU	FMI	EIU	FMI	EIU	FMI	EIU
PIB - crescimento real (%)	-1,0	-4,0	1,8	0,8	-0,4	-0,4	1,1	0,5	2,2	1,3	2,6	1,7
Inflação - IPC (% , média do período)	3,6	2,1	3,3	4,5	2,7	2,9	1,9	3,2	1,7	2,9	1,8	2,7
Resultado em Conta Corrente (% do PIB)	-1,0	-1,3	-2,5	-1,9	-3,3	-3,4	-2,7	-3,5	-2,2	-3,9	-1,5	-3,1
Taxa de Desemprego (%)	5,6	7,5	7,9	8,0	8,1	8,0	8,1	8,2	7,9	8,2	7,6	7,9

Fonte: Elaboração própria com base em IMF (2012a, EIU, 2012a).

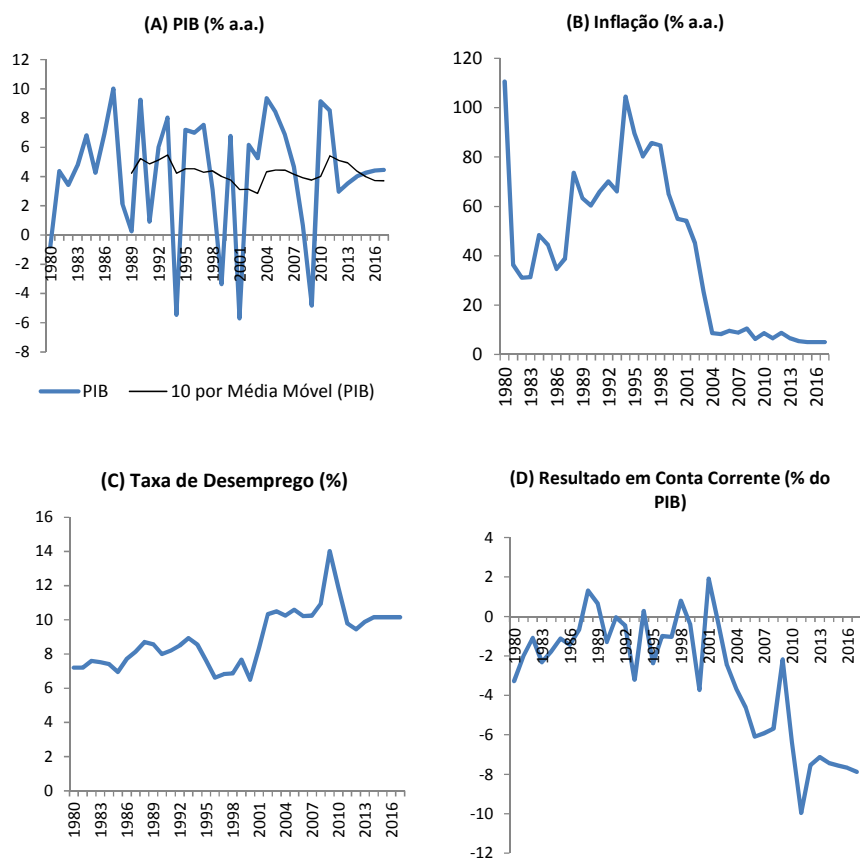
A coalizção entre os Partidos Conservador e Liberal-Democrata tem priorizado a consolidação fiscal, dados os piores resultados orçamentários observados em tempos de paz no período pós-Segunda Guerra Mundial – em 2009, o déficit do setor público atingiu 11,4% do PIB. Para 2012 e 2013, projeta-se um déficit de, respectivamente, 7,9% e 7,5% do PIB. A dívida bruta do setor público, que era de 53% do PIB, em 2008, chegará a 92% do PIB em 2013 (EIU, 2012a). Nesse contexto, a atual administração sinaliza que os instrumentos fiscais serão utilizados para estabilizar a relação dívida-PIB e reduzir os déficits, ao invés de estimular a aceleração do crescimento e a recuperação do mercado de trabalho.

### 3.3 Turquia: o destaque da Europa Emergente

Dentre as economias emergentes da Europa, a Turquia merece ser destacada. Se pertencesse à região do Euro, seria sua quinta maior economia em termos de produto, logo abaixo da Espanha. Ademais, o país logrou recuperar-se de forma intensa ao ambiente de crise. Após uma queda de 5% em 2009, seu PIB cresceu na casa de 8% e 9% ao ano em 2010 e 2011. Tendo em vista o agravamento do quadro econômico na Europa e a desaceleração das principais economias emergentes, seu produto está crescendo em um ritmo menor, entre 3% e 4% no biênio 2012-2013, mas com perspectivas de acelerar para 4% a 5% ao ano no horizonte que vai até 2017 (EIU, 2012d; IMF, 2012 e Gráfico 6).

Com histórico de elevada instabilidade macroeconômica (Gráfico 6), pode-se dizer que a economia turca apresenta fundamentos relativamente sólidos em um período no qual a economia mundial atravessa sua quadra de maior fragilidade desde os anos 1930.

**Gráfico 6 – Indicadores Seleccionados da Turquia, 1980-2017\***



Fonte: Elaboração própria com base em IMF (2012a). (\*) Projeções da fonte para o período 2012-2017.

A taxa de desemprego, atualmente da ordem de 9%, tenderá a recuar ainda mais, revertendo o quadro de forte deterioração do mercado de trabalho observado em 2009, quando atingiu 14%. A inflação, medida pelos preços ao consumidor, também está em trajetória de moderação, passando dos níveis atuais, entre 8% e 9% ao ano, para algo entre 4% e 5% até 2017. Diferentemente do que se observa no cenário europeu em geral, as contas públicas estão sob controle, com os déficits orçamentários abaixo dos 3% do PIB e em ritmo de queda. A dívida pública bruta, que era de 40% do PIB em 2008, atingiu 46,5% do PIB em 2009, tendo retornado ao patamar pré-crise já em 2011. Para 2013, projeta-se um indicador de 38,5% do PIB, valor que deverá cair ainda mais até 2017. Todavia, os déficits em conta corrente seguem elevados – entre 7% e 8% do PIB. A economia turca é estruturalmente deficitária em seu comércio de mercadorias, situação que não tenderá a se corrigir, dado que o país cresce mais do que seus principais parceiros comerciais, particularmente os vizinhos europeus (EIU, 2012d; IMF, 2012 e Gráfico 6).

#### **4. Rússia: o destaque da Comunidade dos Estados Independentes**

A Rússia é a maior economia dentre aquelas que compõem a CEI, e seu produto é superior ao da Grã-Bretanha (gráficos A4 e A5).

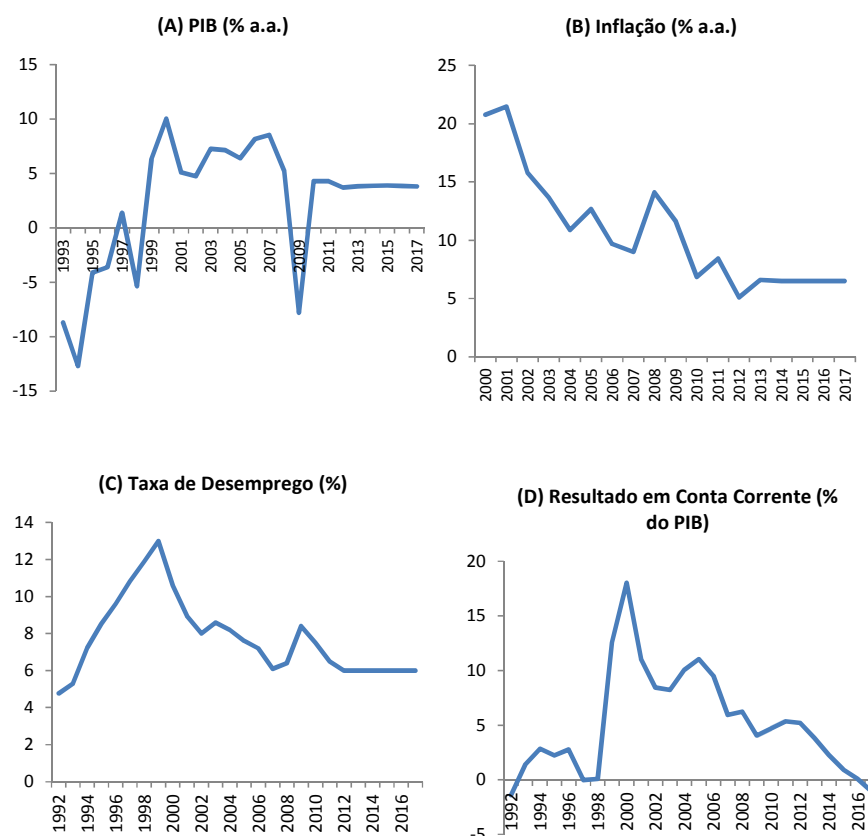
Em 2012 e 2013, a taxa de crescimento do PIB tende a se acomodar entre 3,7% e 3,8%. Em uma perspectiva de médio prazo, até 2017, a maior probabilidade é que a economia russa mantenha o ritmo atual de expansão, cujo teto mais provável de variação do PIB é de 4% ao ano (EIU, 2012e). A economia russa depende, fundamentalmente, dos setores produtores de recursos naturais, particularmente petróleo e gás. Com isso, suas perspectivas estão diretamente vinculadas ao comportamento dos preços internacionais daquelas *commodities*, bem como do ritmo de atividade das principais economias maduras e emergentes.

No contexto atual, em que Europa, Estados Unidos e China encontram-se com níveis de crescimento inferiores aos verificados entre 2002 e 2008, espera-se, também, que a economia russa cresça um pouco menos do que a média dos anos que antecederam à crise financeira

global e que foram marcados, dentre outras coisas, pela significativa elevação nos preços das *commodities* nos mercados internacionais.

Em um ambiente onde as instituições são opacas e o crédito é escasso, há importantes entraves ao desenvolvimento de novas atividades produtivas, o que limita o potencial de crescimento para além das *commodities* energéticas. Ademais, há um descompasso entre os investimentos para exploração de novas fontes de petróleo e gás – considerados insuficientes – e a capacidade atual de produção – que tende a declinar (EIU, 2012e, p.6).

**Gráfico 7 – Indicadores Seleccionados da Rússia, 1992-2017\***



Fonte: Elaboração própria com base em IMF (2012a). (\*) Projeções da fonte para o período 2012-2017.

Para o período de 2012 a 2017, a EIU (2012e) assume que a inflação russa estará em trajetória de queda e tende a oscilar entre 5% e 6% ao ano. A taxa de desemprego oscilará entre 5% e 6%, o que equivale à metade da desocupação da Zona do Euro. A conta corrente se manterá superavitária no curto prazo, passando dos 5% do PIB em 2011 e 2012 para algo próximo a 1% do PIB em 2015. Para 2016 e 2017, a EIU (2012e) projeta déficits da ordem de 1% do PIB. Por outro lado, as contas públicas estão estabilizadas, com déficits atuais e projetados inferiores a 1% do PIB. A dívida pública seguirá abaixo de 10% do PIB. As projeções do FMI (IMF, 2012a) apontam tendências semelhantes.

## 5. Referências

BIS (2012). **82nd Annual Report**. Basle: Bank for International Settlements.

EIU (2012a). **Country Report: United Kingdom**, December. London: Economist Intelligence Unit.

EIU (2012b). **Country Report: Germany**, December. London: Economist Intelligence Unit.

EIU (2012c). **Country Report: France**, December. London: Economist Intelligence Unit.

EIU (2012d). **Country Report: Turkey**, November. London: Economist Intelligence Unit.

EIU (2012e). **Country Report: Russia**, November. London: Economist Intelligence Unit.

IMF (2012a). **World Economic Outlook**, October. Washington, DC: International Monetary Fund.

IMF (2012b). **Global Financial Stability Report**, October. Washington, DC: International Monetary Fund.

IMF (2012c). **Fiscal Monitor**, October. Washington, DC: International Monetary Fund.

Unctad (2011). **Trade and Development Report 2011**. Geneva: UNCTAD.

Unctad (2012). **Trade and Development Report 2012**. Geneva: UNCTAD.

World Bank (2012). **Global Economic Prospects**, June. Washington, DC: The World Bank.



## Anexos

Tabela A1 - Indicadores Seleccionados das Economias Europeias, 2010-2013\*

	PIB (variação %)				Inflação (variação, %)				Conta Corrente (% do PIB)				Taxa de Desemprego (%)			
	2010	2011	2012	2013	2010	2011	2012	2013	2010	2011	2012	2013	2010	2011	2012	2013
<b>Europa</b>	2,1	2,0	0,1	0,8	2,2	3,3	2,8	2,1	2,2	0,4	0,8	1,0	0,2	nd	nd	nd
<b>Países Avançados da Europa</b>	1,7	1,4	-0,3	0,4	1,9	2,9	2,3	1,7	1,8	1,1	1,5	1,7	0,9	9,4	10,2	10,4
<b>Zona do Euro</b>	1,7	1,4	-0,4	0,2	1,8	2,7	2,3	1,6	1,7	0,0	1,1	1,3	0,0	10,2	11,2	11,5
Alemanha	3,5	3,1	0,9	0,9	2,1	2,5	2,2	1,9	1,5	5,7	5,4	4,7	4,6	6,0	5,2	5,3
França	1,5	1,7	0,1	0,4	1,8	2,1	1,9	1,0	1,7	-1,9	-1,7	-1,7	-2,7	9,6	10,1	10,5
Itália	1,3	0,4	-2,3	-0,7	1,3	2,9	3,0	1,8	2,1	-3,3	-1,5	-1,4	-3,0	8,4	10,6	11,1
Espanha	-0,1	0,4	-1,5	-1,3	1,6	3,1	2,4	2,4	1,5	-3,5	-2,0	-0,1	-4,5	21,7	24,9	25,1
Holanda	1,7	1,1	-0,5	0,4	1,5	2,5	2,2	1,8	2,2	8,5	8,2	8,2	8,2	4,4	5,2	5,7
Bélgica	2,0	1,8	0,0	0,3	1,9	3,5	2,8	1,9	2,3	-1,0	-0,1	0,3	1,2	7,2	7,4	7,9
Áustria	2,0	2,7	0,9	1,1	2,3	3,6	2,3	1,9	2,0	1,9	1,9	1,6	3,1	4,2	4,3	4,5
Grécia	-4,5	-6,9	-6,0	-4,0	1,1	3,3	0,9	-1,1	0,5	-9,8	-5,8	-2,9	-7,1	17,3	23,8	25,4
Portugal	1,4	-1,7	-3,0	-1,0	-0,5	3,6	2,8	0,7	1,4	-6,4	-2,9	-1,7	-8,5	12,7	15,5	16,0
Finlândia	3,1	2,7	0,2	1,3	2,5	3,3	2,9	2,3	2,1	-1,2	-1,6	-1,7	2,6	7,8	7,6	7,8
Irlanda	-1,0	1,4	0,4	1,4	1,9	1,2	1,4	1,0	0,5	1,1	1,8	2,7	0,6	14,4	14,8	14,4
Eslováquia	4,0	3,3	2,6	2,8	4,2	4,1	3,6	2,3	2,7	0,1	0,8	0,3	-2,7	13,5	13,7	13,5
Eslovênia	1,2	0,6	-2,2	-0,4	2,4	1,8	2,2	1,5	3,1	0,0	1,1	1,0	-2,1	8,2	8,8	9,0
Luxemburgo	3,4	1,6	0,2	0,7	3,1	3,7	2,5	2,3	1,7	7,1	7,3	7,1	8,7	5,7	6,2	6,1
Estônia	3,1	7,6	2,4	3,5	3,7	5,1	4,4	3,2	2,1	2,1	0,7	-0,1	3,1	12,5	10,1	9,1
Chipre	1,0	0,5	-2,3	-1,0	2,2	3,5	3,1	2,2	2,8	-10,4	-3,5	-2,0	-8,7	7,8	11,7	12,5
Malta	3,6	2,1	1,2	2,0	2,2	2,5	3,5	2,2	2,6	-1,3	-1,5	-1,6	-2,3	6,5	6,0	5,8
Grã-Bretanha	1,3	0,8	-0,4	1,1	2,3	4,5	2,7	1,9	2,0	-1,9	-3,3	-2,7	-1,9	8,0	8,1	8,1
Suécia	5,5	4,0	1,2	2,2	3,5	3,0	1,4	2,0	2,0	6,9	7,2	7,8	5,8	7,5	7,5	7,7
Suíça	2,6	1,9	0,8	1,4	1,8	0,2	-0,5	0,5	1,0	10,5	10,1	10,0	12,8	2,8	3,4	3,6
Rep. Tcheca	2,3	1,7	-1,0	0,8	2,9	1,9	3,4	2,1	2,0	-3,0	-2,4	-2,2	-1,2	6,7	7,0	8,0
Noruega	0,4	1,5	3,1	2,3	2,5	1,3	1,0	2,2	2,2	14,5	15,2	15,6	16,0	3,3	3,1	3,1
Dinamarca	2,1	0,8	0,5	1,2	2,0	2,8	2,6	2,0	2,0	6,7	5,0	4,6	4,8	6,1	5,6	5,3
Islândia	-3,5	3,1	2,9	2,6	2,9	4,0	5,6	4,4	2,6	-6,2	-2,7	-2,1	2,1	7,4	6,1	5,7
<b>Europa Emergente</b>	<b>4,2</b>	<b>5,3</b>	<b>2,0</b>	<b>2,6</b>	<b>4,0</b>	<b>5,3</b>	<b>5,6</b>	<b>4,4</b>	<b>4,2</b>	<b>-6,1</b>	<b>-5,0</b>	<b>-4,9</b>	<b>-5,7</b>	<b>nd</b>	<b>nd</b>	<b>nd</b>
Turquia	8,2	8,5	3,0	3,5	4,5	6,5	8,7	6,5	6,0	-10,0	-7,5	-7,1	-8,2	9,8	9,4	9,9
Polónia	3,8	4,3	2,4	2,1	3,6	4,3	3,9	2,7	2,9	-4,3	-3,7	-3,8	-4,2	9,6	10,0	10,2
Romênia	-1,3	2,5	0,9	2,5	4,4	5,8	2,9	3,2	3,4	-4,4	-3,7	-3,8	-5,2	7,4	7,2	7,0
Hungria	1,2	1,7	-1,0	0,8	2,8	3,9	5,6	3,5	3,5	1,4	2,6	2,7	0,9	11,0	10,9	10,5
Bulgária	0,2	1,7	1,0	1,5	3,5	3,4	1,9	2,3	3,7	0,9	-0,3	-1,5	-2,0	11,3	11,5	11,0
Sérvia	1,8	1,6	-0,5	2,0	5,0	11,1	5,9	7,5	4,1	-9,5	-11,5	-12,6	-6,6	24,4	25,6	25,6
Croácia	-1,4	0,0	-1,1	1,0	1,8	2,3	3,0	3,0	2,4	-1,0	-1,2	-1,3	-3,6	13,7	14,2	13,3
Lituânia	1,3	5,9	2,7	3,0	3,8	4,1	3,2	2,4	2,9	-1,5	-1,1	-1,4	-2,9	15,4	13,5	12,5
Letônia	-0,3	5,5	4,5	3,5	4,0	4,2	2,4	2,2	1,7	-1,2	-1,6	-2,8	1,5	16,2	15,3	13,9

Fonte: Elaboração própria com base em IMF (2012a). (\*) Projeções da fonte para 2012 e 2013.

**Tabela A2 - Indicadores Seleccionados das Economias da CEI, 2011-2013\***

	PIB (variação anual, %)			Inflação (variação anual, %)			Conta Corrente (% do PIB)			Taxa de Desemprego (%)		
	2011	2012	2013	2011	2012	2013	2011	2012	2013	2011	2012	2013
<b>CEI</b>	<b>4,9</b>	<b>4,0</b>	<b>4,1</b>	<b>10,1</b>	<b>6,8</b>	<b>7,7</b>	<b>4,6</b>	<b>4,2</b>	<b>2,9</b>	<b>nd</b>	<b>nd</b>	<b>nd</b>
<b>Exportadores Líquidos de Energia</b>	<b>4,7</b>	<b>4,0</b>	<b>4,1</b>	<b>8,5</b>	<b>5,3</b>	<b>6,7</b>	<b>6,1</b>	<b>5,6</b>	<b>4,2</b>	<b>nd</b>	<b>nd</b>	<b>nd</b>
Rússia	4,3	3,7	3,8	8,4	5,1	6,6	5,3	5,2	3,8	6,5	6,0	6,0
Cazaquistão	7,5	5,5	5,7	8,3	5,0	6,6	7,6	6,2	4,5	5,4	5,4	5,3
Uzbequistão	8,3	7,4	6,5	12,8	12,9	10,7	5,8	4,7	3,3	0,2	0,2	0,2
Azerbaijão	0,1	3,9	2,7	7,9	3,0	6,0	26,5	20,4	16,1	6,0	6,0	6,0
Turcomenistão	14,7	8,0	7,7	5,3	4,3	6,0	2,0	-1,5	-1,6	nd	nd	nd
<b>Importadores Líquidos de Energia</b>	<b>5,7</b>	<b>3,8</b>	<b>4,2</b>	<b>18,2</b>	<b>14,7</b>	<b>12,7</b>	<b>-7,9</b>	<b>-6,8</b>	<b>-6,9</b>	<b>nd</b>	<b>nd</b>	<b>nd</b>
Ucrânia	5,2	3,0	3,5	8,0	2,0	7,4	-5,5	-5,6	-6,6	7,9	7,8	7,7
Bielorrússia	5,3	4,3	3,4	53,2	60,2	30,6	-10,5	-3,6	-5,8	0,6	0,6	0,6
Georgia	7,0	6,5	5,5	8,5	0,2	5,5	-11,8	-12,6	-11,2	15,1	14,2	13,8
Armênia	4,6	3,9	4,0	7,7	2,8	4,2	-10,9	-9,8	-9,3	19,0	19,0	18,5
Tadjiquistão	7,4	6,8	6,0	12,4	6,0	8,1	0,6	-0,4	-1,5	nd	nd	nd
Mongólia	17,5	12,7	15,7	7,7	14,1	11,7	-31,8	-31,4	-10,1	7,7	6,8	6,1
Quirguistão	5,7	1,0	8,5	16,6	2,9	9,4	-6,3	-12,8	-6,2	7,9	7,7	7,6
Moldávia	6,4	3,0	5,0	7,6	5,1	5,0	-11,5	-11,4	-10,7	6,7	5,8	6,4
<i>Memória</i>												
<b>Países de Renda Baixa da CIS</b>	<b>7,3</b>	<b>6,1</b>	<b>6,1</b>	<b>11,6</b>	<b>8,2</b>	<b>8,6</b>	<b>-1,5</b>	<b>-2,3</b>	<b>-2,3</b>	<b>nd</b>	<b>nd</b>	<b>nd</b>
<b>Exp. Líq. de Energia (excl. Rússia)</b>	<b>6,8</b>	<b>5,8</b>	<b>5,5</b>	<b>8,9</b>	<b>6,3</b>	<b>7,3</b>	<b>10,6</b>	<b>8,1</b>	<b>6,0</b>	<b>nd</b>	<b>nd</b>	<b>nd</b>

Fonte: Elaboração própria com base em IMF (2012a). (\*) Projeções da fonte para 2012 e 2013.

Tabela A3 - Renda Pessoal Disponível\* em Economias Seleccionadas, 2008-2015\*\*

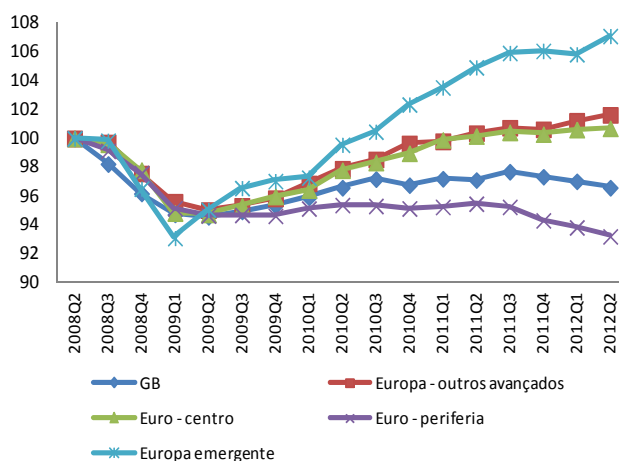
	2008	2011	2013	2015	Crescimento Acumulado (2008-2015)
Eslováquia	55.069	58.970	61.750	71.080	29%
Suécia	233.790	265.900	260.300	269.200	15%
Bulgária	41.165	38.715	40.624	47.104	14%
Polónia	325.690	313.100	308.400	368.400	13%
Finlândia	139.910	149.150	147.100	156.700	12%
Reino Unido	1.678.500	1.606.100	1.703.000	1.842.000	10%
Hungria	100.720	90.940	96.400	105.300	5%
Dinamarca	141.440	148.800	140.600	146.000	3%
Bélgica	295.690	301.700	291.700	304.200	3%
República Tcheca	112.674	109.388	102.663	114.554	2%
Estónia	12.095	10.579	11.022	12.264	1%
<b>Alemanha</b>	<b>2.268.500</b>	<b>2.263.900</b>	<b>2.177.000</b>	<b>2.272.000</b>	<b>0%</b>
<b>França</b>	<b>1.811.900</b>	<b>1.823.500</b>	<b>1.715.000</b>	<b>1.794.000</b>	<b>-1%</b>
<b>Áustria</b>	<b>247.660</b>	<b>241.900</b>	<b>233.700</b>	<b>244.000</b>	<b>-1%</b>
<b>Romênia</b>	<b>162.926</b>	<b>139.672</b>	<b>133.509</b>	<b>155.007</b>	<b>-5%</b>
<b>Países Baixos</b>	<b>386.770</b>	<b>378.400</b>	<b>346.100</b>	<b>361.400</b>	<b>-7%</b>
<b>Espanha</b>	<b>1.051.500</b>	<b>988.700</b>	<b>891.500</b>	<b>919.500</b>	<b>-13%</b>
<b>Itália</b>	<b>1.526.200</b>	<b>1.422.000</b>	<b>1.295.000</b>	<b>1.324.000</b>	<b>-13%</b>
<b>Portugal</b>	<b>162.270</b>	<b>154.700</b>	<b>137.500</b>	<b>138.000</b>	<b>-15%</b>
<b>Irlanda</b>	<b>138.710</b>	<b>115.480</b>	<b>101.800</b>	<b>103.500</b>	<b>-25%</b>
<b>Grécia</b>	<b>248.910</b>	<b>224.800</b>	<b>181.300</b>	<b>181.600</b>	<b>-27%</b>

Fonte: Economist Intelligence Unit - base de dados (coletados em 26/11/2012).

(\*) Renda pessoal após o pagamento de impostos e deduções. Valores em dólares correntes.

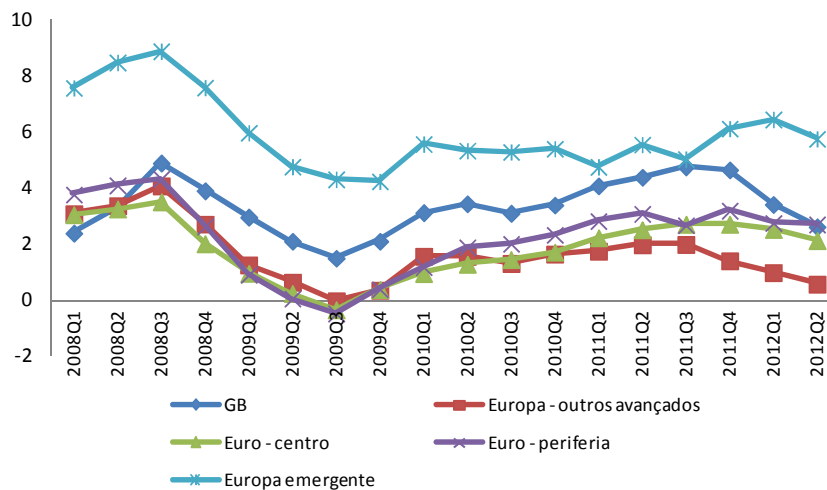
(\*\*) projeções da fonte para os anos de 2013 e 2015

Gráfico A1 – Crescimento em Economias Seleccionadas, 2008-2012 (2008 II = 100)



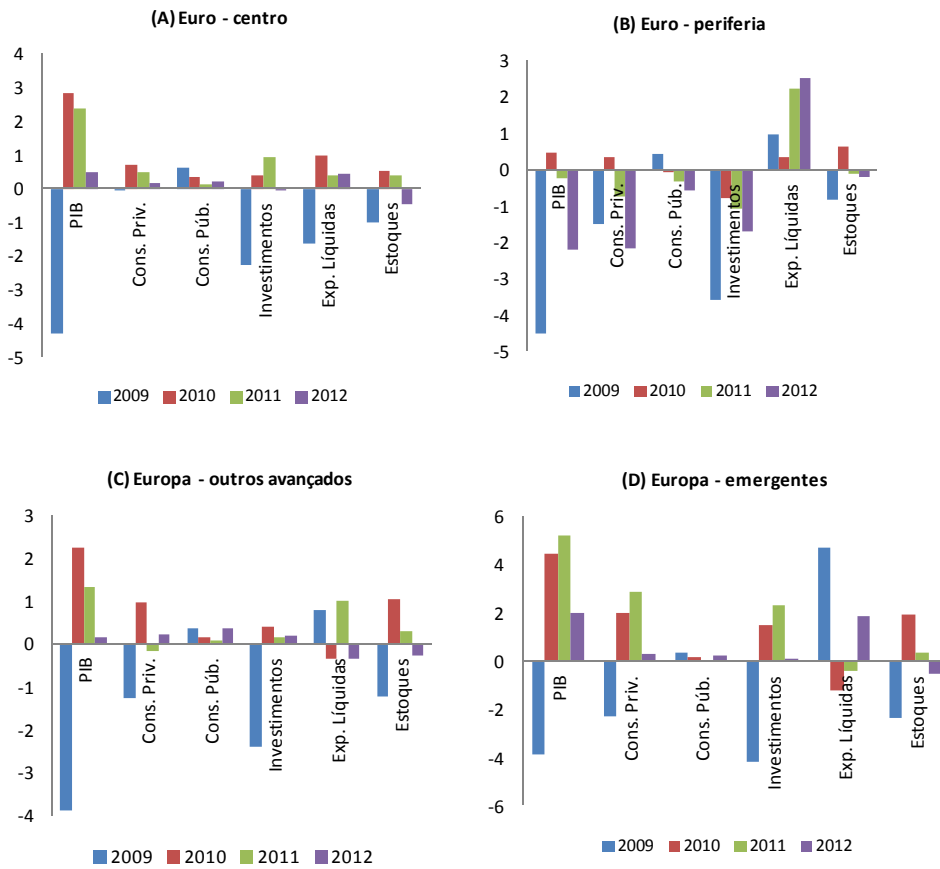
Fonte: Elaboração própria com base em IMF (2012a).

**Gráfico A2 – Inflação em Economias Seleccionadas, 2008-2012 (% anualizada)**



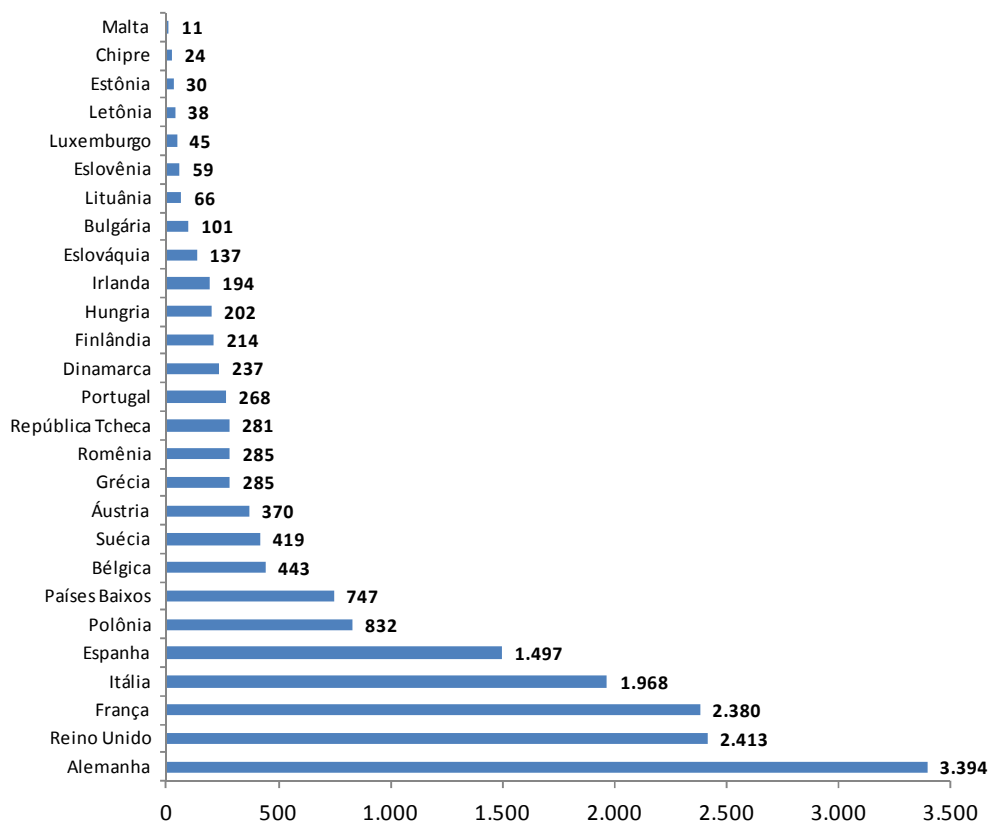
Fonte: Elaboração própria com base em IMF (2012a).

**Gráfico A3 – Decomposição do Crescimento do PIB em Economias Seleccionadas, 2009-2012 (%)**



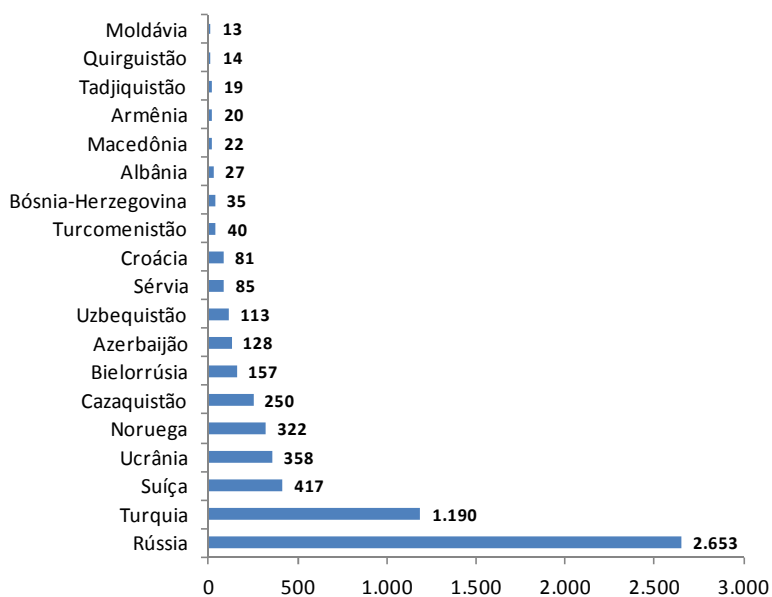
Fonte: Elaboração própria com base em IMF (2012a).

Gráfico A4 - PIB em Economia Europeias, 2013 (US\$ bilhões – paridade poder de compra)



Fonte: Elaboração própria com dados da Economist Intelligence Unit (base consultada em 26/11/2012)

**Gráfico A5 - PIB em Economia Europeias e da CEI, 2013 (US\$ bilhões – paridade poder de compra)**



Fonte: Elaboração própria com dados da Economist Intelligence Unit (base consultada em 26/11/2012).